

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *UOL Crítica*

Class.: 88

Data: *7 de Janeiro de 1988*

Pg.: \_\_\_\_\_

### OVELHAS PEDEM VOZ

# Debate sobre o Calha Norte revelou um lado

“O Projeto Calha Norte é hoje a única opção razoável para a fronteira amazônica, em decorrência do alto nível de subdesenvolvimento da área, além das ameaças dos grupos guerrilheiros internacionais e o constante tráfico de drogas”. A declaração é do cel-aviador Antonio do Nascimento, 3º sub-chefe da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, que realizou ontem uma palestra sobre o Projeto Calha Norte, no Instituto de Estudos Superior da Amazônia.

A palestra foi muito concorrida, reuniu o empresariado da Zona Franca de Manaus, entidades de classes, lideranças indígenas, entidades ligadas a causa indígena e órgãos da região Amazônica como o Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) e o IMTM (Instituto de Medicina Tropical). O governador Amazonino Mendes, que deveria ter participado do evento, foi representado pelo vice-governador Vivaldo Frota.

Na composição da mesa de trabalhos participaram o comandante da Polícia Militar do Amazonas, cel Lustosa, Herbert Schubart do Inpa, deputado estadual Humberto Michiles, o vice-governador Vivaldo Frota, professor Samuel Benchimol, e o secretário geral do Isea, Luís de Maximino Miranda Corrêa. A apresentação dos convidados foi feita por Samuel Benchimol. O cel-aviador Antonio do Nascimento, foi parte do Instituto de Tecnologia da Aeronáutica, e o 3º sub-chefe da secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional. O capitão de Fragata Afonso Barbosa, é da Marinha de Guerra, secretário geral do Conselho de Segurança Nacional.

**Sub-desenvolvimento até quando?** — Na sua exposição, o cel Antonio Nascimento foi específico quando declarou que o Projeto Calha Norte é o básico para o futuro, é uma necessidade das áreas de fronteira da região amazônica. “Quero deixar claro que encaro esta exposição não como um debate, mas sim como uma troca de idéias, visto que o pro-

jeto em si é um benefício para a região. Há dois anos o presidente Sarney pediu um estudo das calhas dos rios Solimões e Amazonas, objetivando a necessidade de demarcação das fronteiras e necessidade de estabelecer um relacionamento bilateral, além de proteger e prestar assistência às populações indígenas da região, que somam 0,04% da população brasileira. Em maio de 85 concluímos estes estudos, no qual travamos conhecimentos da falta completa de uma infra-estrutura para assegurar qualquer espécie de desenvolvimento na área, além do mais, descobrimos a presença de grupos guerrilheiros, mais precisamente o M-19, que atuavam em conjunto com o narcotráfico de drogas”.

O expositor comentou, que além de tudo isso, ainda há a preocupação com o garimpo na área, principalmente na região “Cabeça do Cachorro”, onde os garimpeiros fazem trânsito constante. Segundo ele, o governo federal é contra este tipo de exploração mineral que prejudica todo o solo da região. Sobre as áreas indígenas da região, afirmou que são “pretensas áreas”, mas a Funai, não definiu nada em termos da demarcação.

**Suspeitas** — Um ponto específico que ficou claro no depoimento do cel Antonio do Nascimento, foi com relação a presença da Igreja junto às lideranças indígenas. Ele ressaltou que na análise realizada em 85, ficou claro a atuação suspeita de entidades religiosas, contra a política indigenista do governo. Afirma ainda que a atuação dos missionários é contra a integração dos silvícolas com a comunidade, espalhando uma verdadeira discórdia. Concluindo, o cel Antonio do Nascimento reafirmou a necessidade do Projeto Calha Norte para o crescimento da região, até mesmo pela questão da sobrevivência das nações indígenas, como os Yanomamis que estão morrendo de fome.

**Contradições** — Algumas lideranças indígenas que se encontravam no Isea, excetuando o assessor da Fu-

nai Benedito Machado, questionaram o nível de abertura do evento, quando os industriais da ZFM receberam convites para participar, e no entanto, grupos e entidades ligadas diretamente com a questão não foram nem sequer contactadas, apenas foram informadas pela imprensa. O representante da União das Nações Indígenas, Manuel Fernandes Moura, afirmou que se encontrava no local, por interesse próprio, não que tivesse sido convidado. Para ele, “o único interesse do evento é reafirmar um projeto autoritário, imposto de cima para baixo, e que agora com dois anos de implantação e muita nação indígena sendo prejudicada, é que se coloca em discussão”. O indígena questiona ainda que espécie de segurança querem dar ao início. “Não queremos nenhuma proteção ou segurança que tirem por completo nossos direitos. Queremos a liberdade de decidir nossos destinos e poder usufruir de um pedaço de terra que por direito é nosso”.

Contraditoriamente a posição de Moura, o assessor da Funai, Benedito Machado, declara que “não adianta demarcar terra para o índio tomar conta”. Segundo ele, o indígena não tem apoio e nem condições para o cultivo da terra. Ele é a favor do Calha Norte, pois como funcionário da Funai ele é solidário ao governo.

**Promoção** — Para o ex-professor da Universidade do Amazonas, e atual professor da Universidade de Uberlândia, Carlos Falcão não houve nenhuma discussão, simplesmente o que aconteceu foi uma promoção do Projeto Calha Norte. “Acredito que esta explanação decorreu um lado da questão, e para ser completa deveriam ser escutados apenas sobre os dois lados. E de preferência não só o executor, mas também aquele que vai sofrer os efeitos. Na visão do estudante de Direito, Everaldo Fernandes “na exposição dos lobos, faltaram as ovelhas, que devem ser ouvidas para um melhor entendimento da questão”.